



Panorama da Produção Jornalística de Televisão em Juiz de Fora: Laços de Pertencimento Locais ou Regionais?¹

Simone Martins²

Docente - Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF

Resumo

A proposta deste artigo é a de efetuar uma análise acerca da produção jornalística feita pelas emissoras de TV de Juiz de Fora, interior de Minas Gerais. Buscaremos contextualizar os aspectos da influência do processo de globalização no que diz respeito ao conseqüente fortalecimento da regionalização da comunicação, com enfoque na área de telejornalismo, e ainda refletir sobre a identidade construída pelos telejornais produzidos em consonância ao processo de identificação do público. A partir da utilização de pesquisa bibliográfica com autores como Coutinho e Vizeu, dentre outros, e de entrevistas, tentaremos apurar a identificação do público com o material televisivo produzido pelas emissoras em Juiz de Fora.

Palavras-chave

Telejornalismo local; produção de notícias; critérios de noticiabilidade; vínculo; telespectador.

Atualmente é difícil encontrar uma só pessoa que nunca tenha tido contato com a televisão. O veículo ganhou os lares brasileiros. Para agradar, a TV oferece ao telespectador uma gama de produtos; diariamente, as pessoas se sentam em frente à tela para acompanhar a novela favorita, o programa de humor, para assistir ao jogo de futebol, aos desenhos animados e aos telejornais. O telejornalismo ganhou destaque na história da televisão, principalmente na brasileira, que em 2010 completa 60 anos, e transformou-se no principal produto televisivo de informação.

A televisão surgiu no Brasil na década de 1950 e, desde então, tornou-se o veículo de destaque no país. Para a maioria dos cidadãos, o veículo constitui-se na principal fonte de informação. Dessa forma, defendemos a premissa de que os telejornais contribuem para a construção da identidade do povo brasileiro. Marcondes Filho (2000) acredita

¹ Trabalho apresentado ao GP Telejornalismo, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Simone Martins é jornalista, radialista, pós-graduada em Comunicação e Gestão Empresarial (PUCMinas) e mestre em Comunicação (UFJF). Professora Substituta do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora e Professora Adjunto da Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora e Universidade Presidente Antônio Carlos, UNIPAC/JF. e-mail: sitema@gmail.com.



que o telejornal seja o mais importante formato televisivo de transmissão de informações à sociedade. Cada um possui estilo próprio, adaptado a seu respectivo horário e público-alvo, de modo a oferecer aos telespectadores uma maneira diferenciada de se informar sobre os acontecimentos do cotidiano, gerando, em contrapartida, um vínculo com o seu público.

Diferenciando-se do jornalismo de veículos como rádio e impresso, o telejornalismo agrega texto e imagem em movimento, o que confere ao produto televisivo credibilidade. Através da tela, o telespectador ouve e vê o acontecimento. Distribuído nas grades de programação das diferentes emissoras, cada noticiário possui um formato característico, a fim de conquistar o telespectador e criar um público fiel.

Em *televisão e território: disputas simbólicas na produção e recepção do telejornalismo regional*, Christina Musse e Cristiano Rodrigues (2007) ponderam que a TV "assume a tarefa de explicar o mundo para o cidadão comum, de prestar serviços, de facilitar o acesso dele ao poder público e aos bens de consumo, de garantir-lhe informação e diversão" (2007, p. 3). Nesse sentido, acrescentamos que o rompimento das fronteiras da comunicação vivenciado no final do século passado a partir do processo de globalização formou um cenário fundamental para as mudanças de perspectiva da sociedade.

De maneira talvez paradoxal *a priori*, a ampliação do universo de informações e a facilidade de acesso para obtê-las contribuíram para que o homem globalizado buscasse também reafirmar suas raízes locais. E é nesse aspecto que as temáticas regionais assumem papel relevante no contexto da comunicação. Além disso, priorizar o estudo da televisão brasileira, com ênfase na produção dos telejornais locais, é de fundamental relevância, haja vista que consideramos serem eles os maiores produtores de significados sociais e culturais na sociedade contemporânea.

A TV e o Telejornalismo de Produção Local em Juiz de Fora

No início dos anos 60 Juiz de Fora recebia o sinal de três emissoras cariocas: TV Tupi do Rio de Janeiro (de propriedade de Assis Chateaubriand); TV Rio – Canal 13 (dos empresários Paulo Machado de Carvalho e João Batista do Amaral); e a TV Continental – canal 9 (de Rubens Bernardo e seus irmãos Carlos e Murilo). Localmente, o município



veiculava programação – eventualmente e em caráter experimental, desde 1960 –, da TV Mariano Procópio, canal 7³.

Em 1963, outra TV, a Industrial, ganhou concessão como emissora geradora; concessão esta que era pleiteada pela TV Mariano Procópio. Esta, desestimulada, interrompeu a veiculação local, passando a enviar para o Rio de Janeiro o telejornal que produzia, com cinco minutos de duração e que seguia pronto, de ônibus, para a TV Tupi, de onde era exibido para telespectadores fluminenses e mineiros, de segunda a sexta, às 18 horas (LINS, 2007, p.2).

Dessa forma, destacamos o caráter pioneiro da cidade de Juiz de Fora, por ser a primeira cidade do interior do Brasil a receber uma emissora de televisão. Inaugurada oficialmente em 29 de julho de 1964, de propriedade do empresário Sérgio Mendes e seus filhos Gudesteu e Geraldo – que já eram proprietários das rádios Industrial e Difusora – a estação geradora de sinais de TV na cidade foi implementada em uma iniciativa até então restrita às capitais.

Em sua história, a TV Industrial teve quase todos os seus programas produzidos na própria cidade, ao vivo. Mesmo sofrendo as influências das grandes emissoras, buscava autonomia, através da produção de programação própria. Programas Educativos, Esportivos, de Auditório, além do Jornalismo faziam parte da grade de programação da emissora juizforana, que tinha como foco a abordagem dos problemas da cidade e região. Isso fez com que a população começasse a “se ver” na televisão. Conseqüentemente, o novo veículo destacou-se junto à comunidade. As pessoas assistiam a TV e se identificavam com ela, já que a sua realidade estava ali retratada.

O papel da antiga TV Industrial em sua relação com a cidade, ao representar os fatos locais, guarda estreita relação com o conceito de laço social como entendido por Wolton. De acordo com o autor, nesse caso o veículo desempenha uma intermediação entre indivíduos, tornando ‘espelho da sociedade’, no qual se torna possível um olhar de fora do indivíduo para o seu cotidiano, a pessoa se vê na televisão (COUTINHO, 2006, p.3).

“A hora é a notícia” foi o primeiro programa jornalístico veiculado na TV Industrial. Sob a direção de Marilda Ladeira, o programa contava com entrevistas em estúdio, e matérias nas editorias de política, economia, cidade, esporte e cultura, dentre outras. Mesmo com a produção e veiculação de notícias locais, o telejornalismo não foi determinante para a construção da identidade da emissora. A limitação tecnológica não

³ Além de retransmitir o sinal da TV Tupi do Rio de Janeiro, a TV Mariano Procópio exibia entrevistas, coberturas de eventos – como carnaval – e comerciais produzidos em Juiz de Fora. A TV pertencia ao Grupo Diários Associados, que englobava o Diário Mercantil, o Diário da Tarde e a Rádio PRB-3.



permitia que se veiculassem imagens fora do estúdio, o que dificultava uma maior identificação do público. Ou seja, a comunidade não se enxergava na programação. Na opinião da jornalista Regina Gaio, citada por Coutinho (2006), tal identificação entre a emissora e o público juizforano só passou a ocorrer através dos programas de auditório e mesas de debate.

Em 1980, com problemas financeiros, a TV Industrial foi vendida para a Rede Globo, perdendo o status de emissora da cidade. A partir daí, apesar de manter o jornalismo local e poucos programas, a exemplo da Missa aos Domingos e de alguns especiais jornalísticos sobre a cidade e região, a emissora passa a veicular mais de 90% de sua programação com material produzido pela rede. Além disso, a emissora teve que seguir a nova linha editorial definida pela matriz, passando a cumprir inclusive normas de edição, buscando a adequação ao que se define como “Padrão Globo de Qualidade”. Nesse período, a emissora sediada em Juiz de Fora passa a disputar com outras afiliadas o disputado espaço de suas matérias jornalísticas na rede estadual⁴, o que demonstra um aumento da dependência em relação à matriz da emissora, no Rio de Janeiro.

Na década de 1990, a exemplo do que ocorreu em diversas emissoras espalhadas pelo país, a TV Globo Juiz de Fora também passa por mudanças para se enquadrar no que definimos como a terceira fase⁵ do Telejornalismo Regional. Em 1998, a emissora muda não só de nome, passa a se chamar TV Panorama, mas também redefine seu papel, voltando-se fortemente para o atendimento das demandas regionais.

O estímulo à nova regionalização faz com que o espaço reservado ao telejornalismo local cresça de 15 minutos para aproximadamente 50 minutos diários. Os telejornais MGTV 1ª e 2ª edição passam a ser apresentados também no estúdio de Juiz de Fora, em interação com apresentadores da Globo Minas. Os programas Panorama Revista e Panorama Esporte são incorporados à grade, além da criação de um departamento de marketing. Este se encarrega de um forte trabalho para atentar à população que a Rede Globo não estava indo embora da cidade (COUTINHO, 2006, p.6).

⁴ A emissora local passa a veicular matérias, dentro do telejornal, feitas pela rede em Belo Horizonte, dividindo o tempo do jornal entre notícias produzidas em Juiz de Fora e região e notícias enviadas pela emissora na capital.

⁵ Em sua trajetória, o telejornalismo regional passou por três fases distintas. A primeira delas aconteceu até os primeiros anos da década de 70, quando as produções locais se destacavam em grande parte devido a limitações de tecnologia. Nesse período, ainda não se podia contar com a exibição de imagens a longas distâncias. Contudo, a partir do surgimento do videoteipe e das transmissões via satélite, ganham destaque as programações de redes nacionais, produzidas em grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo. Finalmente, a terceira fase compreende a década de 90, quando percebe-se uma retomada das temáticas locais por parte das emissoras, sobretudo no que diz respeito aos telejornais.



Alguns anos mais tarde, as Organizações Globo implementam novas estratégias mercadológicas, buscando diversificar seus investimentos na área de comunicação. Por isso, em 2003 a empresa decide colocar à venda algumas de suas emissoras do interior do país. A TV Panorama é uma delas. No mesmo ano, é comprada pelo empresário Omar Rezende Peres, que também arrenda a concessão de uma emissora de rádio e cria um jornal impresso na cidade. Assim, Peres cria as Organizações Panorama de Comunicação. Em 2008, as Organizações Panorama de Comunicação passam por crise financeira e vendem 50% das suas cotas da TV para a Rede Integração, um dos maiores grupos de comunicação do interior do estado de Minas Gerais, que compreende as regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Centro-Oeste, Noroeste, Campo das Vertentes e Zona da Mata, abrangendo 259 cidades.

A segunda emissora regular de televisão com produção local ficou a cargo da Fundação Educacional Pio XII, inaugurada em 1981 como afiliada da TVE Rio. Apesar de ter se tornado uma emissora geradora em 1989, somente no final de 2009 a TVE começou a produzir telejornais. Hoje, a emissora afiliada à Rede Minas em Juiz de Fora confirma o seu lugar como principal meio de comunicação do Sistema Regional de Comunicação, o SIRCOM⁶. Atualmente, a TVE Juiz de Fora prioriza a programação local⁷.

Já a história da terceira emissora da cidade começa em 1990, quando a TV Tiradentes foi inaugurada em Juiz de Fora, então com o objetivo de produzir uma programação eminentemente local. No começo, a TV veiculava apenas telejornais e programas de auditório, e agradou o público ao inserir na programação matérias policiais, esportivas, telejornais, programas de calouros e mesas de debate retratando a realidade local. Mas brigas internas causaram o fim de vários programas, e a sua afiliação à Rede Record. Em 1999 a emissora passa a pertencer ao Grupo Associados Minas, com sede em Belo Horizonte, e afilia-se ao SBT. Passa então a se chamar TV Alterosa Juiz de Fora e

⁶ O SIRCOM existe desde 1991, e dele ainda fazem parte, além da emissora, o jornal impresso Diário Regional e a Rádio Globo Juiz de Fora (AM Juiz de Fora e Juiz de Fora FM 107,7). Disponível em <http://www.tvejf.com.br>. Acesso em 23/05/2010.

⁷ Dela fazem parte os programas Mesa de Debates e Camisa 12, apresentados e produzidos pelo jornalista Ricardo Wagner; Espaço Aberto, apresentado por Eduardo Gomes; Gente & Empresa, com Paulo Roberto Gomes; Jane Aragão convida; Jornal da TVE e TVE Informa - jornalismo apresentado em flashes ao longo da programação. Vale destacar que a TVE Juiz de Fora também exibiu reprises de programas produzidos pela TV Visão, emissora de canal a cabo inaugurada em setembro de 2003 em Juiz de Fora, através do chamado *Espaço Visão*. A TV Visão teve vários programas veiculados pela TVE, mas encerrou suas atividades em março de 2008. Além disso, a TVE Juiz de Fora exibe o programa Mosaico, produzido por alunos da Faculdade de Comunicação da UFJF, em um convênio entre a emissora e a Produtora de Múltiplos da Universidade, que paga uma taxa pela utilização do espaço na grade. Nos demais horários, atualmente exibe a programação da Rede Minas, com sede em Belo Horizonte.



apresenta uma programação voltada para as classes C, D e E⁸. No início dessa fase, sua programação local limitava-se ao Jornal da Alterosa Edição Regional, veiculado de segunda a sábado, no horário de almoço⁹. A identidade impressa pelo telejornalismo da TV Alterosa na sociedade juizforana foi de uma TV local com matérias voltadas para a segurança pública e a exibição de VT's ágeis com imagens em plano seqüência¹⁰. Acreditamos que a retransmissão de programas do SBT tenha impresso características populares nas produções locais da TV Alterosa, inclusive no próprio telejornal. Atualmente a emissora produz três programas¹¹, mas apenas um jornalístico, o Jornal da Alterosa Edição Regional.

Panorama da Produção Jornalística Televisiva em Juiz de Fora

1. MGTV

No ar desde o começo da década de 80, o MGTV é um telejornal local, com duas edições diárias. Voltado para espectadores de Juiz de Fora e da região, segue o modelo criado pela Rede Globo para o telejornalismo local e regional para suas sucursais¹² e afiliadas¹³.

O MGTV 1ª edição conta com dois apresentadores. Já a 2ª edição possui apenas um. O telejornal mescla os recursos típicos de seu formato: os apresentadores chamam os VT's e as entrevistas ao vivo, e fazem entrevistas no estúdio com especialistas de determinadas áreas. O tempo também é diferente entre uma edição e outra. No MG1, como é chamado pelos funcionários da emissora, o tempo de produção é de 20 a 25 minutos, em média. Já o MG2 conta com apenas 12 minutos de produção¹⁴. Contudo, a dependência em relação à programação determinada pela rede interfere diretamente no

⁸ A definição do público da emissora foi informada em entrevista para a realização da dissertação de mestrado desta pesquisadora pela então editora regional da TV Alterosa Juiz de Fora, Gilze Bara.

⁹ Atualmente, o Jornal da Alterosa Edição Regional é exibido por volta das 19h.

¹⁰ O plano seqüência é um plano cinematográfico, utilizado inicialmente pelo programa Aqui e Agora e que se difundiu nas produções jornalísticas do SBT e suas afiliadas. Segundo a ex-editora regional do Jornal da Alterosa Edição Regional, ele é utilizado no telejornal para narrar uma história, sem muitos cortes na edição da matéria, com o repórter no local do acontecimento contando como o fato aconteceu.

¹¹ Além do telejornal, a TV Alterosa Juiz de Fora também produz uma coluna social eletrônica, o *Fatos em Foco*, e o *Notícias da Hora*, que entra no ar à tarde, durante a programação, com notas rápidas.

¹² Emissoras pertencentes à própria Rede Globo de Televisão.

¹³ Empresas administradas por terceiros, mas a partir de concessão obtida pela Rede para determinada área de abrangência local.

¹⁴ No cálculo de tempo médio de ambas as edições do telejornal não estão incluídos aqueles destinados à veiculação de comerciais.



tempo de ambos os telejornais, o que ocasionalmente pode promover diferenças significativas em relação ao tempo médio de duração do produto televisivo. A ex-produtora do telejornal, Paula Galetti, explica que o tempo de duração dos telejornais depende da programação da rede nacional e acrescenta que, nas duas edições, procura-se focar assuntos relacionados ao âmbito local, já que os “assuntos mais gerais são deixados para os telejornais de âmbito nacional. Ou repercutidos com o foco na região, no espaço geográfico concernente à área de abrangência da emissora” (2007).

Para que o telejornal produzido pela TV Panorama assuma características efetivamente locais, semanalmente são feitas reportagens em cidades da região para retratar o que de mais importante acontece em cada uma delas, priorizando o factual. Mas eventos que estejam no calendário dos municípios também podem se tornar notícia. “É uma forma de mostrar essas cidades, apresentar suas riquezas, produções, de que forma se vive ali”, resume a ex-produtora e atual editora-chefe, Aline Maia.

Apesar de ter o mesmo nome, o telejornal apresenta produtos absolutamente diferentes em cada edição. “Até o tom entre ambos é diferente. O MG1 é marcado por ser um telejornal que busca uma interatividade maior com o espectador. Já o MG2 se caracteriza por uma roupagem mais formal” (GALETTI, 2007). Uma das razões para essa diferença é o tempo de exibição, como já destacamos anteriormente. Entretanto, a explicação mais clara para a diferenciação entre as duas edições do telejornal está na busca de linguagens mais apropriadas para seus públicos.

Aline Maia (2007) destaca que o público-alvo do MGTV 1ª edição seja, “de maneira geral, formado por donas de casa, aposentados, crianças e adolescentes que chegaram em casa ou estão se preparando para ir para a escola” (2007). Daí a necessidade de se produzi-lo prioritariamente para a comunidade. Já a segunda edição produzida pela emissora juizforana atinge um público mais amplo e heterogêneo, inclusive no que diz respeito a critérios sociais e intelectuais. Nesse sentido, há uma predominância de matérias factuais, com conteúdos mais superficiais, até mesmo para que se consiga enquadrá-las ao tempo exíguo do telejornal.

Comparativamente, é inegável que a primeira edição do telejornal apresente mais serviços de utilidade pública para o telespectador, que tem participação mais efetiva, seja através de e-mail ou mesmo por telefone. “É o jornal que atende diretamente a comunidade, apresenta os problemas nos bairros. De maneira bem clara, é aquele que mostra o ‘buraco na rua’” (GALLETTI 2007). Essa maior interação também ocorre por meio da promoção constante de debates em estúdio, com temas de interesse para a



população. No MG1 os assuntos são geralmente ampliados. Aline Maia explica que, no processo de produção das notícias no telejornal, sempre existe a possibilidade de expansão do tema.

Se produzirmos uma matéria sobre o aumento no número de jovens infratores em Juiz de Fora, podemos extrapolar a notícia em si e amplificá-la enquanto tema de interesse para o público. Nesse caso, por exemplo, se poderia lançar mão de uma entrevista em estúdio com a juíza da vara da infância, de modo a questioná-la sobre os métodos que existem e são aplicados na cidade para educar os adolescentes e evitar que se tornem futuros adultos infratores. No MGTV 1ª edição existe espaço para esse tipo de trabalho. Já o telejornal da noite tem que ser mais enxuto (MAIA, 2007).

Iluska Coutinho (2006), em estudo sobre o telejornalismo juizforano, aponta que a interatividade do MGTV com o seu telespectador cumpre com o papel mobilizador que Dominique Wolton prevê na comunicação local. “Em determinadas situações, a comunicação local, por influência do rádio ou da televisão, pode ter um papel de mobilização e favorecer uma identidade” (WOLTON, 1996 *apud* COUTINHO, 2006, p.9).

A rotina da produção dos telejornais da TV Panorama segue, de maneira geral, a regra das demais emissoras regionais.

É uma rotina muito estressante, e com o acúmulo de diversas tarefas. Não existe a figura do rádio-escuta ou do pauteiro, cabendo isso a equipe de produção. Por um lado é bom, porque o produtor participa de todos os processos, entende aquele conjunto de informações que se materializará no telejornal do dia de uma forma mais completa. Por outro lado, evidentemente o profissional fica bastante sobrecarregado (GALETTI, 2007).

As notícias no MGTV são distribuídas segundo critérios de importância. Na prática, segundo Aline Maia (2007), é importante que haja uma grande sinergia entre a equipe de produção e os editores do telejornal, na medida em que são esses últimos que definem como ficará o produto final a ser levado ao telespectador.



2. Jornal da Alterosa Edição Regional

O Jornal da Alterosa Edição Regional, veiculado de segunda a sábado às 19h, aborda o cotidiano de Juiz de Fora e é, portanto, o responsável pela construção de uma identidade local no âmbito da programação da emissora. Nesse sentido, torna-se necessário analisar a construção de laços de pertencimento entre emissora e público, e verificar se realmente existe uma identificação dos telespectadores com as informações veiculadas por ele.

Ao inserir em sua programação, especialmente nos telejornais, imagens do cidadão comum, de entrevistados que estão nas ruas, prontos a dar sua opinião e ter sua imagem multiplicada, a emissora busca reconstruir sua marca local, de realização do que denominou-se de jornalismo de proximidade (COUTINHO, 2006, p.15).

No único telejornal regional veiculado pela TV Alterosa estão presentes os recursos típicos de seu formato: a apresentadora faz a cabeça das matérias, chama os VT's e as entrevistas. O tempo de exibição do programa analisado é de, em média, 17 minutos diários¹⁵. Assim como as duas edições do MGTV, veiculado pela TV Panorama, o Jornal da Alterosa Edição Regional segue o modelo clássico dos telejornais locais, com notícias da cidade sede (Juiz de Fora) e das cidades da área de cobertura.

Em tese, as notícias precisam ter alcance e interesse não só para quem é de Juiz de Fora, mas para as 127 cidades da região que recebem o sinal da emissora. Vale ressaltar, entretanto, que embora tanto a TV Alterosa quanto a TV Panorama sejam caracterizadas como emissoras regionais, elas não necessariamente produzem telejornalismo regional. O que se vê são produções locais. A ex-editora regional do Jornal da Alterosa Edição Regional, Gilze Bara, explica que existe a dificuldade estrutural para deslocar uma equipe para essas cidades para cobrir um fato, mas que as notas secas¹⁶ cumprem o papel de dar visibilidade a elas. Apesar de parecer secundária para alguns, essa visibilidade, mesmo que limitada, faz com que o telespectador da região se veja inserido no telejornal, e com ele crie laços de pertencimento, identidade.

Percebe-se que na produção das edições do telejornal procura-se enfatizar assuntos relacionados ao âmbito local, incluindo as notícias referentes a problemas do dia-a-dia

¹⁵ No cálculo de tempo médio do telejornal não estão incluídos aqueles destinados à veiculação de comerciais.

¹⁶ Nota lida pelo apresentador do telejornal sem qualquer imagem de ilustração.



do cidadão. A cobertura dos problemas da comunidade, expostos e debatidos com as autoridades, através de flashes nas ruas, entrevistas e reportagens compõem a estrutura do Jornal da Alterosa Edição Regional. O telejornal também procura seguir a missão estabelecida pela TV Alterosa-JF, de informar e auxiliar no bem-estar da comunidade, ao produzir matérias de serviço e saúde.

Algumas matérias que vão ao ar são de cunho assistencialista¹⁷, e se mostram como canal facilitador para a solução de problemas do cotidiano da cidade. Por divulgar principalmente as notícias de Juiz de Fora, o Jornal da Alterosa Edição Regional é freqüentemente acionado pelo público para intervir efetivamente na solução de problemas, e é visto como um mediador entre o cidadão e o Poder Público, o que pode ser constatado através dos telefonemas e e-mails dos telespectadores para o Canal da Alterosa¹⁸ com a sugestão de pautas que abordem os problemas da comunidade. Os moradores esperam que a divulgação de seus problemas motive soluções. Mas a relação do telespectador com o telejornal que fala de sua cidade não gira só em torno do assistencialismo. O Jornal da Alterosa Edição Regional tem maior foco em matérias sobre os problemas da cidade, além de segurança e justiça. Mas sua produção é voltada principalmente para os fatos mais importantes do dia, sempre pensando no interesse público. “Mas também entram matérias que a gente sabe que o público quer ver, como os *fait-divers*¹⁹”, completa Gilze Bara.

Nesse sentido vale destacar que fazer uma avaliação da notícia é pensar no público a que ela se dirige, porque se pressupõe que as seleções efetuadas vão ao encontro dos desejos da audiência. Pereira Jr. (2005) identifica que o julgamento da noticiabilidade de um fato se decide perguntando-se em que medida o público teve conhecimento dele e quando. Por isso a participação popular sempre foi relevante ao longo da história do Jornal da Alterosa Edição Regional, e o telespectador participa – e se informa – do cotidiano de Juiz de Fora através do telejornal.

¹⁷ Simeone, Braga e Mafra (2005) acreditam que se uma mudança se faz necessária é porque existem problemas que estão impedindo um bom funcionamento da sociedade. Os autores criticam a prática do assistencialismo por se tratar da “geração de certo comodismo através de situações de ajuda que são constantes”. E sugerem a mobilização como uma forma de compartilhar os problemas e distribuí-los perante a sociedade para que todos se sintam co-responsáveis por ele e passem a agir na tentativa de solucioná-lo, o que não implica a “retirada da função do Estado de garantir a integração, a regulação e o bom funcionamento da sociedade. Mas implica que a própria sociedade gere meios de solucionar os problemas com os quais o Estado por si só não seja capaz de lidar”.

¹⁸ O Canal da Alterosa é um canal interativo no qual o telespectador entra em contato com a emissora através de um número de telefone disponibilizado pela TV Alterosa-JF durante toda a programação.

¹⁹ *Fait-divers* é uma expressão de jargão jornalístico que designa os assuntos não categorizáveis nas editoriais tradicionais dos veículos. São fatos desconectados de historicidade jornalística, ou seja, referem-se apenas ao seu caráter interno e seu interesse como fato inusitado, pitoresco.



Pereira Jr. (2005) ainda destaca que o processo de seleção das notícias é subjetivo e arbitrário, com as decisões dependendo muito de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas dos produtores e editores dos telejornais. Os valores-notícia estão, portanto, sempre relacionados à idéia da audiência, ao que deve ser veiculado. O autor acredita que os jornalistas levam em conta esses valores fundamentais para construir as notícias para o seu público. A noticiabilidade, então, relaciona-se diretamente aos processos de rotinização e estandardização das práticas produtivas, também em TV, uma vez que os primeiros estudos de *newsmaking*²⁰ referiam-se aos meios impressos.

E a identidade no Jornal da Alterosa Edição Regional é construída a partir de representações simbólicas que buscam corresponder a uma identificação deste com o seu público, e contribuir para que ele assista ao telejornal. Esta identidade, segundo a ex-editora regional, é criada através da seleção das matérias e da linguagem utilizada em todo o processo de produção. E é papel da produção do telejornal selecionar o que deve ser noticiável. Existem vários critérios para essa seleção, mas o que mais se destaca no discurso construído pela então editora para explicar a rotina produtiva é “o próprio instinto de ser repórter”.

Apesar de realizar pesquisas anuais para medir sua audiência em Juiz de Fora, a TV Alterosa não as realiza no que diz respeito a noticiabilidade de um fato. O que deve ou não ser noticiado é decidido instintivamente pela própria editora, o que faz com que os critérios de produção de notícias também sejam arbitrários: é priorizado o factual para depois analisar quais matérias devem entrar no jornal. “Eu costumo dizer que os critérios de fechamento e seleção são pessoais, instintivos. Aqui é assim. Até porque a estrutura é muito enxuta”, completa Gilze.

A rotina da produção do telejornal da TV Alterosa segue, de maneira geral, a regra das demais emissoras regionais. A ronda e a pesquisa na internet fazem parte do processo de construção de pautas, mas leva em consideração a sugestão de produtores, repórteres, editores e sobretudo da comunidade que envia sugestões de matérias. Não há dados concretos desta participação popular. A ex-editora argumenta que, quando o telespectador sugere uma pauta interessante e há condições estruturais para apurá-la, uma equipe de jornalismo produz e o telejornal veicula a matéria, dando crédito ao telespectador na exibição da notícia.

²⁰ Pretendem analisar o conjunto de critérios que definem a noticiabilidade de cada acontecimento, isto é, sua relevância para ser transformado em notícia.



Assim como no telejornal da emissora concorrente, as notícias no Jornal da Alterosa Edição Regional são distribuídas segundo critérios de importância. De acordo com Gilze Bara, não há a interferência da direção da emissora no que diz respeito a esses critérios, nem mesmo em relação ao conteúdo das edições. A matéria que abre o telejornal sempre possui maior impacto, devendo ser factual e, sobretudo, tratar de um assunto local. Cumprindo, assim, uma das premissas do jornalismo regional: o telespectador se sentirá representado na notícia.

A utilização da linguagem coloquial, adequada ao seu público-alvo, era outra das preocupações da ex-editora. Gilze afirma que a hipótese que orientava seu trabalho na emissora era a de que a maioria dos telespectadores do Jornal da Alterosa Edição Regional seja formada por jovens e mulheres, e reforça a importância de produzi-lo para toda a comunidade. É inegável, portanto, que o jornal apresente serviços de utilidade pública, além de dicas para o telespectador que participa efetivamente, segundo a ex-editora chefe, da construção do telejornal, seja através de telefonemas, e-mails ou pelo contato na rua com os repórteres e editores.

Essa maior interação também ocorre por meio da promoção constante de eventos pela emissora na cidade de Juiz de Fora, como o passeio ciclístico, ou ainda com visitas à TV. Esses eventos, promovidos pela TV Alterosa-JF, têm como objetivo a aproximação da comunidade com a emissora, e sempre são noticiados pelo telejornal, reforçando o vínculo entre TV e sociedade juizforana na produção veiculada na telinha. De acordo com a ex-editora regional, o Jornal da Alterosa Edição Regional sempre teve o diferencial de ter a participação do povo, o que faz com que este crie laços de pertencimento com a emissora.

Outra estratégia adotada pela equipe do telejornal é a não determinação do tempo das matérias, para não “engessar” o trabalho feito pelo repórter. “Quem melhor que o repórter, na rua, para saber o que aquela matéria vai render?”, pergunta Gilze, e afirma que o retorno que os profissionais têm do público mostra que a alternativa tem dado certo. “Eles dizem que entendem o que foi dito e que as matérias são completas”, explica. Ela acredita que assim os jornalistas da emissora produzem um jornalismo menos superficial.

O Jornal da Alterosa Edição Regional ainda cumpre com sua função pedagógica ao instruir os telespectadores sobre determinados assuntos. Coutinho e Fernandes (2007) destacam que “nesta função se enquadram as notícias em que fica claro qual é o



comportamento que se espera do telespectador diante das informações veiculadas” (2007, p. 9).

3. Jornal da TVE

Apresentado pela jornalista Alessandra Cury, o Jornal da TVE conta com aproximadamente 15 profissionais em sua produção, e é exibido de segunda a sexta-feira, às 18h30. A âncora do noticiário revela que desde que começou a ser veiculado, no dia 30 de novembro de 2009, o telejornal tornou-se o mais inovador programa jornalístico do Sistema Regional de Comunicação (CURY, 2010).

O editor do SIRCOM, Aníbal Pinto (2010), acrescenta que o noticiário é considerado o principal informativo televisivo da emissora local, e possui aproximadamente 30 minutos de duração. O jornalista acrescenta que a rotina de produção do Jornal da TVE não é diferente da adotada para os informativos diários das outras emissoras da cidade, mas que em função do pouco tempo em que começou a ser produzido, o telejornal não tem estrutura para competir nem com o Jornal da Alterosa Edição Regional e tampouco com as duas edições do MGTV.

Considerações Finais

Compartilhamos da premissa de Vizeu (2005) de que o mundo da vida cotidiana, fonte das notícias, seja constituído por uma abundância de acontecimentos que as empresas jornalísticas têm que selecionar. Entendemos ser necessário reiterar que as notícias sejam uma construção social, na qual os discursos constituem a materialização de operações e construções.

Partimos do pressuposto de que seja função da notícia orientar a população. Assim como Schudson (1996), acreditamos que a informação tenha papel de destaque na sociedade contemporânea: “um cidadão mais informado criará uma melhor e mais completa democracia” (SCHUDSON, 1996, p. 205 *apud* VIZEU, 2005, p. 65). Consideramos que, quanto mais informado o indivíduo estiver, maior será a sua consciência do mundo para tomar decisões. E esta informação, na maioria das vezes, vem a partir do que é veiculado pelos telejornais.

Entendemos que, ao apresentar a notícia dentro de uma esfera de contextualização e interpretação, a mídia confere sentido aos acontecimentos. A importância da dotação de



sentido por parte dos meios de comunicação de massa está no fato de que, para a maioria dos espectadores, os acontecimentos noticiados ocorrem fora de sua experiência direta, ou seja, o único contato que eles terão com aquele acontecimento será por meio do relato da mídia. Assim, o papel midiático é, de fato, de construção da realidade.

Acreditamos, ainda, que para se falar em construção da identidade, é preciso se dedicar ainda a estudar como isso acontece no processo da construção da notícia, ou seja, da reconstrução do fato jornalístico. Ao estudar a natureza das notícias, Robert Park argumenta que elas têm como incumbência a construção da coesão social, na medida em que permitem às pessoas ficarem sabendo o que acontece em volta delas para tomarem atitudes e, através das suas atitudes, construir uma identidade comum (*apud* PEREIRA JR, 2005, p. 67), e que as possibilite viverem em sociedade. Partindo-se desta afirmativa, podemos dizer que os telejornais produzidos e veiculados em Juiz de Fora sejam construídos e/ou concebidos no processo de produção noticiosa para tornarem-se lugar(es) de referência para o telespectador juizforano. Mas o mesmo não acontece com o público das cidades da região de cobertura das emissoras;

O processo de produção da notícia em um telejornal, portanto, é responsável pela criação da sua identidade. É ele quem faz com que a população se identifique com o produto televisivo. A partir disso, o retorno a ser alcançado pela emissora pode ser aferido por meio da audiência. Podemos concluir, assim, que se a programação veiculada pela televisão em rede nacional é agente unificador, o telejornalismo denominado regional, mas que se apresenta apenas como local, torna-se ainda mais importante na construção da identidade local, na medida em que ressalta a cultura das comunidades, fazendo com que as pessoas se sintam retratadas, e lembradas, através da TV.

Referências Bibliográficas

BARA, Gilze. *Gilze Bara*: depoimento [agosto 2008]. Entrevistadora: Simone Teixeira Martins. Juiz de Fora, 2008.

COUTINHO, Iluska *et al.* *Telejornalismo e Identidade Local*: uma reflexão sobre a produção jornalística nas emissoras de TV de Juiz de Fora. Regiocom 2006 - XI Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco, 2006. CD'Rom.

COUTINHO, Iluska e FERNANDES, Livia. *Telejornalismo Local e Identidade*: o Jornal da Alterosa e a construção de um lugar de referência. XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Região Sudeste. Juiz de Fora: 2007.



CURY, Alessandra. *Entrevista concedida à Marcélio Soares* para elaboração do Projeto de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Universidade Presidente Antônio Carlos em Juiz de Fora sob a orientação de Simone Martins. Juiz de Fora, 2010.

GALETTI, Paula. *Entrevista concedida à autora*. Juiz de Fora, 2007.

LINS, Flávio. *TV Mariano Procópio: “cariocas do brejo” entrando no ar*. Projeto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF como requisito para o processo de seleção do Mestrado em Comunicação e Sociedade. Juiz de Fora, 2007.

MAIA, Aline. *Entrevista concedida à autora*. Juiz de Fora, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos*. 2ª ed. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MUSSE, Christina Ferraz; RODRIGUES, Cristiano José. *Televisão e território: disputas simbólicas na produção e recepção do telejornalismo regional*. 2007. Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202010/arquivos/Trabalhos/66-Televis%C3%A3o%20e%20territ%C3%B3rio_ChristinaFerraz_CristianoJos%C3%A9.pdf. Acesso em 10 de Maio de 2010.

PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. 4ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

PINTO, Aníbal. *Entrevista concedida à Marcélio Soares* para elaboração do Projeto de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Universidade Presidente Antônio Carlos em Juiz de Fora sob a orientação de Simone Martins. Juiz de Fora, 2010.

SIMEONE HENRIQUES, Márcio; BRAGA, Clara; MAFRA, Rennan. *Planejamento da comunicação para a mobilização social: em busca da co-responsabilidade*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM

VIZEU, Alfredo Eurico. *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: Calandra, 2005.